



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
CAMPUS SENHOR DO BONFIM  
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

**ELAINE CARDOZO DANTAS**

**A (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA MINERAÇÃO NA  
SERRA DA CARNAÍBA: Um olhar geográfico para a  
comunidade da Carnaíba, Pindobaçu-BA.**

**SENHOR DO BONFIM, BA**

**2022**

**ELAINE CARDOZO DANTAS**

**A (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA MINERAÇÃO NA  
SERRA DA CARNAÍBA: Um olhar geográfico para a  
comunidade da Carnaíba, Pindobaçu-BA.**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Senhor do Bonfim, como requisito da obtenção do título de Licenciada em Geografia.  
Orientador: Prof. Dr. Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega

**SENHOR DO BONFIM, BA  
2022**

D192r Dantas, Elaine Cardozo  
A (re)produção do espaço da mineração na Serra da Carnaíba: um olhar geográfico para a comunidade da Carnaíba, Pindobaçu-Ba./ Elaine Cardozo Dantas. -- Senhor do Bonfim-Ba, 2022.

55 f.: il.; 29 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Campus Senhor do Bonfim-Ba, Senhor do Bonfim-Ba, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega.

1. Pindobaçu-Ba – Espaço - Produção. 2. Mineração - Estudo. 3. Serra da Carnaíba – Geografia - Análise I. Nóbrega, Pedro Ricardo da Cunha (Orient.) II. Título. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 307.7609

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF  
Bibliotecário: Fábio Santiago  
CRB5/1785

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**ELAINE CARDOZO DANTAS**

**A (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA MINERAÇÃO NA SERRA DA CARNAÍBA: Um olhar geográfico para a comunidade da Carnaíba, Pindobaçu-BA.**

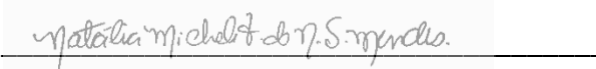
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

Aprovado em: 13 de abril de 2022.

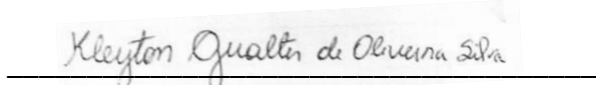
Banca Examinadora



Prof. Dr. Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega, CGEO - UNIVASF (Orientador)



Profa. Dra. Natália Micheli Tavares do Nascimento Silva Mendes - Avaliadora interna - CGEO - UNIVASF



Profa. Msc. Kleyton Gualter de Oliveira Silva - Avaliador externo - CCSociais - UNIVASF

Deus.  
A minha filha Heloysa e a minha avó Nena.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus...

Ao meu orientador Dr<sup>o</sup> Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega, pela paciência infinita e por nunca ter desistido desta orientanda, displicente, surtada e confusa.

Ao meu suporte psicológico, o psicólogo Diogo Ximenes que foi de fundamental importância neste processo cheio de percalços, fragilidades emocionais, desistências, choros, crises de ansiedade, dores físicas e mentais.

Aos meus companheiros de graduação em especial ao “Grupo do Vinho”, que compartilhamos momentos únicos e marcantes durante o processo, em especial as amigas Jucy Reis, Mônica Custodio, Paula Jeane e Erica Saane que nestes dois últimos anos, nos momentos mais difíceis me incentivaram a não desistir e acreditaram que este dia iria chegar.

A Fabio Santana que sempre se disponibilizou e contribuiu para a realização deste trabalho.

Aos meus familiares, em especial a avó Valmira, por ter criado a minha filha Heloysa, para que eu pudesse vivenciar todas as experiências da graduação.

Ao grupo de professores do Colegiado de Geografia, que cada um deles foi de fundamental importância nesta caminhada.

A persistência memorável de Bárbara Lima, que no dia da convocação de ingresso para a instituição, estava na 64<sup>o</sup> colocação e mesmo assim acreditou que seria possível e hoje é uma Ecóloga.

## RESUMO

O garimpo da Serra da Carnaíba, localizado no município de Pindobaçu-BA, tem a sua origem derivada de eras geológicas antigas que deram origem aos berilos verdes “esmeraldas”, com a descoberta desta pedra preciosa ocasionou na localidade um crescimento populacional gigantesco com a chegada de garimpeiros de todo a parte. A Serra da Carnaíba traz como fundamento de sua constituição o processo de produção do espaço com base na mineração, que é produzido por todos e sua apropriação é desigual, por causa das relações divergentes que se formam, a problematização teórica buscou compreender essas relações e como ocorreu apropriação e a (re)produção do espaço a partir das práticas sociais pelo sujeito envolvido na atividade mineradora. Quanto a metodologia, foram realizadas pesquisa documental e entrevistas com grupos específicos que fazem parte do garimpo. Conclui-se que os sujeitos envolvidos na atividade de mineração constituem o principal vetor de produção e reprodução do espaço, sendo estes os principais agentes capazes de auxiliar no processo de elucidação da trajetória de (re)produção do espaço na Serra da Carnaíba, com isso a dinâmica do lugar é análoga aos processos de divisão do trabalho e suas implicações socioespaciais.

**Palavras – chave:** Pindobaçu, Produção do Espaço, Mineração.

## ABSTRACT

The Serra da Carnaíba mining, located in the municipality of Pindobaçu-BA, has its origin derived from ancient geological eras that gave rise to the “emerald” green beryls, with the discovery of this gemstone, a gigantic population growth occurred in the locality with the arrival of of miners from all over. Serra da Carnaíba brings as the foundation of its constitution the process of space production based on mining, which is produced by all and its appropriation is unequal, because of the divergent relationships that are formed, the theoretical problematization sought to understand these relationships and how appropriation and (re)production of space took place based on social practices by the subject involved in the mining activity. As for the methodology, documental research and interviews were carried out with specific groups that are part of the garimpo. It is concluded that the subjects involved in the mining activity constitute the main vector of production and reproduction of space, being these the main agents capable of assisting in the process of elucidating the trajectory of (re)production of space in Serra da Carnaíba, with this the dynamics of place is analogous to the division of labor processes and their socio-spatial implications.

**Keywords:** Pindobaçu, Production of space, Mining



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

OMS	Organização Mundial da Saúde
TIPNI	Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa Geológico da Bahia.....	25
Fotografia 1	Rejeito que sobra das escavações (arroio).....	31
Figura 2	Mapa Geológico e de Localização Serra Carnaíba.....	26
Fotografia 2	Quijilas.....	32
Figura 3	Mapa da Serra de Jacobina.....	27
Fotografia 3	Minério de menor valor.....	32
Figura 4	Seção Geológica Transversal na Região da Carnaíba.	28
Fotografia 4	Garimpo da Serra da Carnaíba na década de 80.....	36
Figura 5	Mapa Geologico da Região da Carnaiba.....	29
Fotografia 5	Casas construídas sem planejamento.....	37
Figura 6	Zoneamento Esquemático de Filão Mineralizada.....	30
Fotografia 6	Ruas Estreitas.....	37
Fotografia 7	Casas com difícil acesso.....	38
Fotografia 8	Acesso a entrada da BA -372.....	39
Fotografia 9	Trecho da BA – 372 ao lado da Barragem de Pindobaçu	40
Fotografia 10	Estrutura de perfuração no solo para a descida dos garimpeiros.....	42
Fotografia 11	Condições de trabalho dos garimpeiros no subsolo.....	42
Fotografia 12	Condições de trabalho dos garimpeiros no subsolo 2....	43
Fotografia 13	Condições de trabalho das Quijilas.....	43
Fotografia 14	Unidade Básica de Saúde.....	44
Fotografia 15	Pavimentação asfáltica no centro do distrito /Carnaíba de Cima.....	45
Fotografia 16	Banca para a exposição do minério.....	46

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	12
2 A PROPRIAÇÃO E (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL NA MINERAÇÃO.....	15
2.1 O TRABALHO COMO FUNDAMENTO PRINCIPAL PARA O PROCESSO DE PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO.....	20
2.2 A TRIADE CONCEITUAL DO ESPAÇO POR LEFEVRE .....	23
3 CARACTERIZAÇÃO DA AREA DE ESTUDO .....	25
4 A (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA SERRA DA CARNAÍBA .....	34
4.1 AS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO NA SERRA DA CARNAÍBA.....	35
4.2 AS PRÁTICAS ESPACIAIS .....	41
4.3 OS ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO .....	46
5 CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE 1 .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

A terra das esmeraldas, como é conhecida a Serra da Carnaíba no município de Pindobaçu – BA, foi construída através de sonhos e desejos trazidos na bagagem por diversas pessoas, que quando souberam da existência da localidade saíram de suas casas em busca de uma vida melhor. Por isso, estes indivíduos se submetem às condições precárias que o trabalho do garimpo impõe, são sustentados pela esperança e a fé de encontrar uma gema (pedra) de grande valor para que possibilite a tão sonhada riqueza.

As jazidas minerais de berilo verde (esmeralda) estão localizadas no município de Pindobaçu- BA, Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru -TIPNI, região que faz parte da bacia hidrografia do Rio Itapicuru, no centro norte baiano, distando 397 km da capital do estado. Esta região contém uma importante província metalogénica<sup>1</sup> na região que pertence ao conjunto da Serra de Jacobina.

Diante do exposto, destacamos o nosso lócus de estudo, denominado como Garimpo da Carnaíba pelo Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM, a partir do Decreto-Lei 9.314/1996 que foi convertido em Portaria 119/1997, fato que possibilitou a atividade de garimpagem em uma área de 3.692,25 hectares, alcançando os três povoados que compreendem o recorte analítico deste estudo: Marota, Carnaíba de Baixo e o distrito da Carnaíba de Cima. Este último será basilar para a realização da pesquisa, além de outros povoados circunvizinhos que também estão na área de garimpo.

Esta pesquisa nasceu após uma aula de campo realizada no local. O contato direto com a paisagem da mineração na Serra da Carnaíba gerou alguns estranhamentos e a inquietação: como sucedeu o processo de produção do espaço desta localidade? Observou-se que havia pouca informação difundida sobre o Garimpo da Carnaíba, uma atividade voltada para a produção e reprodução do espaço geográfico que vive em constante transformação pelo seu agente principal,

---

<sup>1</sup> “Vasta área de uma plataforma ou de região dobrada da crosta terrestre, que apresenta um desenvolvimento tectonomagmático específico e uma associação metalogenética característica. Embora complexa, uma província metalogenética apresenta associações definidas de mineralizações sempre relacionadas ao ciclo tectonomagmático. Mostra forma irregular, podendo ser constituída no decorrer de um ou mais ciclos tectonomagmáticos” (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2022, s.p.).

o homem e que a atividade de garimpo alimenta uma atividade econômica (mineração) essencial na localidade, na qual os ciclos de produtividade da esmeralda são responsáveis pela expansão e o retrocesso de desenvolvimento na região.

Com esse primeiro contato, a ideia inicial da pesquisa foi organizada com o fim de realizar uma análise socioeconômica da área, pensando em ampliar a percepção de como ocorreu o processo de apropriação e reprodução do espaço, além de entender o papel do indivíduo na configuração do ambiente que se encontra atualmente na Serra da Carnaíba, possibilitando uma análise das camadas sociais contidas no garimpo a partir dos próprios garimpeiros em suas diferentes funções, os proprietários das minas, a cooperativa e os moradores antigos.

Há sobre o Garimpo da Carnaíba, mesmo abrigando uma atividade que vive em constante transformação, poucas informações sistematizadas. Assim, como ressalta Gil (1989), reconhecemos a natureza do trabalho e a necessidade de aprofundar o conhecimento no cotidiano dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Para difundir informações em que há pouco conhecimento acumulado e sistematizado, com vistas a torná-lo explícito. A pesquisa em tela assumiu uma abordagem qualitativa.

Neves (2018); Mendes e Silva (2013) destacam que, em virtude de suas diversas possibilidades, com a crescente complexidade dos arranjos sociais, a abordagem qualitativa permite a produção de informações sobre pessoas, lugares e processos. Baseando-se na perspectiva dos participantes foi possível compreender e interpretar, a partir de suas representações, crenças, opiniões, percepções, atitudes, valores e os sentidos da produção do espaço da Serra da Carnaíba - BA.

Ramires e Pessôa (2013, p. 25) afirmam que,

A pesquisa qualitativa tem como identidade o reconhecimento da existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, de uma interdependência viva entre sujeito e objeto e de uma postura interpretativa, constituindo-se como um campo de atividade que possui conflitos e tensões internas.

Mendes e Silva (2013, p. 207) reforçam que,

O uso da pesquisa qualitativa na geografia e nos estudos rurais,

justifica-se pelo fato de estabelecer uma relação direta com os sujeitos investigados, além de permitir que o pesquisador vivencie a realidade do universo pesquisado. Isso confere relevância às metodologias desses estudos – pesquisa documental, entrevista e observação –, que são definidas de acordo com os objetivos propostos.

A partir destes argumentos, destacamos que, para o desenvolvimento do trabalho, foi realizada, inicialmente, uma pesquisa documental descritiva no âmbito da atividade mineral e geológica do estado da Bahia. Essa ação serviu para possibilitar uma melhor compreensão acerca da formação mineralógica do berilo (esmeralda) na localidade, contendo mapas e informações socioeconômicas.

Seguimos com a observação no campo, que serviu para compreender e identificar as transformações produzidas pelo indivíduo na área da Serra da Carnaíba, possibilitando entender os processos históricos que definem esse recorte como um espaço que passa por um processo complexo de produção e reprodução. Para tanto, de acordo com Ludke e André (2012, p. 26), foi utilizada a técnica da observação direta para ampliar a percepção que temos do lócus da pesquisa.

A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações.

Com a ampliação do olhar, a partir da pesquisa documental, passamos para a fase da coleta de dados. Esta etapa foi sistematizada a partir da aplicação da técnica de entrevista semiestruturada, realizada nos três povoados que compreendem o objeto de estudo: Marota, Carnaíba de Baixo e Carnaíba de Cima. Para fins práticos, a coleta de dados primários, em campo, foi organizada em duas etapas. Primeiro foi percorrida a área que compreende os povoados da Marota e da Carnaíba de Baixo. E a segunda etapa compreendeu o povoado da Carnaíba de Cima. Esta divisão foi necessária a fim de garantir a exploração das áreas com o maior nível de detalhe, uma vez que mesmo sendo povoados próximos o acesso aos mesmos não é tão simples, o que exige esforços de logística. Os roteiros de pesquisa podem ser consultados nos apêndices deste trabalho (Apêndices 1).

Do ponto de vista metodológico é importante destacar que a coleta de dados se deu respeitando todos os princípios éticos necessários, garantindo o direito ao anonimato dos entrevistados. A todos os entrevistados foi apresentando um Termo de Livre Consentimento de pesquisa, que pode ser visto no Apêndice 1, foi-lhes explicados todos os possíveis riscos relacionados e em seguida foi solicitada a autorização para o uso das informações coletas neste trabalho. Faz-se importante destacar que a coleta de dados ocorreu em período pandêmico, mas todos os protocolos de segurança recomendados pela OMS foram seguidos, a fim de proteger tanto os participantes, quanto a pesquisadora, mantendo o distanciamento social, reforçando a necessidade de utilização da máscara e, além disto, foi oferecido álcool para que houvesse a eliminação de qualquer risco de contato.

Logo após a coleta dos dados, deu-se sequência a etapa de análise do material coletado. Nesta etapa da pesquisa buscamos analisar o discurso dos participantes e compreender a relação deles com o espaço vivido, considerando também as condições externas. As questões foram previamente elaboradas seguindo um roteiro preservando a liberdade de expressão do participante contendo questões abertas para os seguintes seguimentos: a) operários vinculados diretamente aos cortes de mineração (garimpeiros); b) proprietários dos cortes; c) trabalhadores da cooperativa e d) moradores mais antigos da localidade.

A apresentação dos resultados foi feita através de relatório descritivo obtido pela análise dos dados através dos roteiros semiestruturados de entrevista, contendo imagens e mapas de localização da área a ser estudada.

## **2 A PROPRIAÇÃO E (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL NA MINERAÇÃO.**

Pensar no processo de (re)produção do espaço social na Serra da Carnaíba, no âmbito de um movimento dialético e contraditório do pensamento e da pesquisa, exige estabelecer análises sobre a condição dialética riqueza x pobreza. Faz-se importante constatar que a riqueza, em questão, encontra-se no subsolo com as suas respectivas galerias repletas de veios de esmeralda valiosas (maior parte ainda a ser explorada) e a pobreza se encontra na superfície, com a degradação ambiental, ou no semblante de cada garimpeiro que depende do garimpo para a sua subsistência, ou talvez no amontoado de construções desordenadas para fins de

moradia sobre a serra. Estes cenários reforçam que a riqueza explorada no subsolo não passa para a superfície de uma forma direta, principalmente quando observamos o movimento da reprodução da vida daqueles que trabalham na sua exploração. A terra tem donos, estes donos se apropriam do trabalho alheio e o trabalho apropriado é mal pago, reforçando contextos de precariedade, exploração e ampliação da pobreza.

Ao analisarmos o espaço socialmente produzido por meio da extração de esmeralda na Serra da Carnaíba, ao longo dos anos, é notório que as modificações e alterações na paisagem, devido as dinâmicas socioeconômicas e políticas estabelecidas pelo processo de atividade mineral, com a participação ativa do indivíduo no ambiente, criou um modelo de vida único.

As relações de produção, atreladas a dinâmica da exploração das esmeraldas é refletida na reprodução das relações sociais de produção, causa-nos grande estranhamento. Este estranhamento aparece quase que de forma transparente na configuração da paisagem, visualmente qualquer sujeito que se aproxime da Serra da Carnaíba é capaz de perceber que há uma ordem econômica, social e política complexa que reflete cenários agudos de pobreza.

As primeiras impressões fenomênicas revelaram que o processo de alteração do espaço, proveniente da produção e reprodução social, realiza-se como se fosse constituída uma realidade paralela, diferente das demais localidades do Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru - TIPNI. A feira livre aos sábados, com bancas ou mesas improvisadas, expondo no meio da rua as pedras de esmeralda (pedras com valores menores) é um exemplo típico da forma como se dá a apropriação do espaço, gerado pela exploração do minério.

Até a década de 1960, a discussão sobre o espaço assumia múltiplas perspectivas, e, como aponta Lefebvre (2006), falar sobre o espaço compreendia uma ampla gama de possibilidades que transitavam por diferentes campos, como o da geometria, da matemática, da filosofia, entre outros. Essa polissemia do termo impossibilitava a compreensão aprofundada das questões inerentes ao espaço de reprodução da vida humana e social, esse é o conceito que vai ser introduzido por Lefebvre e que vai transformar a compreensão do termo espaço, trazendo-o para a dimensão das relações sociais, das relações de reprodução e das relações sociais



de produção.

Portanto, a partir do Lefebvre, o espaço se aproxima daquilo que Carlos (2020) define como produto, meio e condição da reprodução social. Desta forma, o espaço (social) que compreende também o tempo (social), identificados como meio, produto e condição da vida em sociedade, não poderia mais ser considerado como uma forma vazia, uma abstração sem conteúdo ou ter um conceito estático como fatos de natureza e/ou ações sociais sem movimento ou perspectivas de análise cristalizadas (LEFEBVRE, 2000, p.7).

O sentido de espaço também foi vinculado ao de cultura, que em umas das suas múltiplas definições, pode-se considerar a da antropologia, em que Botelho (2016, p. 74) destaca que “a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir”, o que ocorre é a repetição de um modelo de sociedade através de hábitos e representações sociais significativas por indivíduos que fazem parte de um grupo, não há uma imposição de adesão à entrada deste grupo.

Refletir o porquê o espaço foi vinculado a cultura, partindo da lógica que a cultura é a interação (convivência) social dos indivíduos e Lefebvre ao afirmar que a reprodução das relações sociais de produção se efetiva também da cotidianidade no qual, “não é um processo que contém apenas a possibilidade da repetição, mas também da superação, da negação criadora” (CARDOSO, 2010, p.04). Ou seja, a cultura e o espaço têm um sentido semelhante pelo fator da convivência (cotidiano social), mas na cultura o sujeito tem a opção na maioria das vezes de deixar de seguir esse grupo e no espaço para deixar de reproduzir essas relações precisa de outros fatores e não apenas da livre liberdade de escolha. Além disso, na cultura o sujeito não reivindica, não nega a sua própria criação, apenas segue o modelo que está sendo reproduzido.

O espaço começa a se desvincular dessas interpretações, de natureza primária e começou a ser compreendido pela noção de produto, com o sentido de produtor do “processo de produção social do espaço e a correspondente transformação do espaço social em espaço abstrato pela sociedade capitalista” (CARDOSO, 2010.p 5). Para Lefebvre (2006) esse termo tem um sentido específico, por ter um caráter de globalidade (não de “totalidade”) que os produtos não têm na

acepção ordinária e trivial, ele não considerava como “objetos ou coisas”, mercadorias, algo de consumo imediato.

[...] para Lefebvre, um *produto* da sociedade. Mas é um produto que, ao mesmo tempo, intervém na reprodução desta sociedade, organizando o trabalho produtivo, as redes de distribuição, os fluxos de circulação, os lócus de consumo e de produção, etc... Este produto é também, dialeticamente, produtor (ALVARENGA, SANTANA, P.6).

Mediante a compreensão de Lefebvre (2000), quando definiu que “o espaço é um produto, o conhecimento reproduzirá essa produção, ele a exporá”, ou especificamente, quando questionou sobre a impossibilidade de pensar o espaço sem acrescentar certas estruturas,

Como pensar a Cidade (sua explosão-implosão generalizada, o Urbano moderno) sem conceber claramente o espaço que ela ocupa, do qual ela se apropria (ou desapropria)? Impossível pensar a cidade e o urbano modernos, enquanto obras (no sentido amplo e forte da obra de arte que transforma seus materiais) sem de início concebê-los como produtos (LEFEBVRE, 2000, p. 6).

Por isso, acreditamos na importância do nosso trabalho, acompanhando as questões propostas por Lefebvre, principalmente, quando propunha pensar o espaço como essencial para ampliar o olhar sobre as produções consequentes dos humanos, produtoras de coletividades a partir das suas transformações e pensar essencialmente a produção do espaço como um instrumento que poderia permitir compreender os fluxos determinados pela formação histórico-geográfica, além do teor das relações sociais e, da mesma forma, possibilitar uma melhor compreensão da formação dos grupos coletivos. Assim, os conceitos nos permitem perceber a dinâmica espacial estabelecida, ou mesmo como ressaltou Schmid (2012, p. 90).

Lefebvre, utilizando-se do conceito de produção do espaço, propõe uma teoria que entende o espaço como fundamentalmente atado à realidade social – do que se conclui que o espaço “em si mesmo” jamais pode servir como um ponto de partida epistemológico. O espaço não existe em “si mesmo”. Ele é produzido.

Para Lefebvre (2000), o espaço (social) é produto, meio e condição da

sociedade, portanto, em alguma medida o espaço possibilita compreender a morfologia social, para além da simples aparência, que demanda compreender as estratégias utilizadas na tessitura complexa dos conteúdos que o fundamenta. Sendo assim, o espaço compreende projetos e ações diversas, combinando “o emprego de recursos próprios aos espaços periféricos com os das riquezas provenientes dos centros” (LEFEBVRE, 2006, p.127) e a produção do espaço faz uma reorganização nessa sociedade para os seus fins, de acordo com cada modo de produção. A dinâmica da produção do espaço compreende também desvendar as “forças produtivas” que adentram sobre o espaço preexistente, seja, transformando-o todo, rapidamente ou a passos lentos.

O espaço pode ser condição e resultado das relações sociais? Sim. Porém com algumas ressalvas,

[...] o espaço social manifesta sua polivalência, sua “realidade” ao mesmo tempo formal e material. Produto que se utiliza, que se consome, ele é também meio de produção; redes de trocas, fluxo de matérias-primas e de energias que recortam o espaço e são por ele determinados. Este meio de produção, produzido como tal, não pode se separar nem das forças produtivas, das técnicas e do saber, nem da divisão do trabalho social, que o modela, nem da natureza, nem do Estado e das superestruturas (LEFEBVRE, 2000, p. 128).

O conceito de espaço social está entrelaçado ao conceito de produção, fazendo um movimento dialético específico e não cancela a relação “produção-consumo” mais a modifica e a amplia.

Não há um espaço social, mas vários espaços sociais, e mesmo uma multiplicidade indefinida, da qual o termo “espaço social” denota o conjunto não-enumerável. Nenhum espaço não desaparece, no curso do crescimento e do desenvolvimento. O mundial não revoga o local. Não se trata de uma consequência da lei do desenvolvimento desigual, mas de uma lei própria. A implicação dos espaços sociais é uma lei [...] (LEFEBVRE, 2000, p.129).

Assim, observamos o *locus* da pesquisa, os três povoados: Marota, Carnaíba de Baixo e o distrito da Carnaíba de Cima como produzidos a partir de dinâmicas sociais que transcendem os limites de suas realidades materiais, contudo, estão conectadas as suas existências, pois, as riquezas minerais atraem seres humanos e o movimento que as forças do desejo pelos minerais criam, produzem o espaço

geográfico em si, mesmo que muitas pessoas que vivem naquele lugar, que tiram parte ou integralmente o seu sustento. Elas produzem o espaço e vendem sua força de trabalho, fazendo parte de uma classe trabalhadora moderna, apesar de não possuírem a capacidade de percepção de uma forma macro.

## 2.1 O TRABALHO COMO FUNDAMENTO PRINCIPAL PARA O PROCESSO DE PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO

O trabalho entra como reprodução social do espaço, através da inserção no ser social, ou seja, o ser social não está mais apenas reproduzindo e dando continuidade à vida cotidiana. Sendo assim o trabalho deixou de ter apenas um sentido de interação primária, metabólica entre homem/natureza e limitado como produtor de valores de uso, para assumir a função de constituição do ser social (ANTUNES, 2009).

De acordo com Hegel (2003), conforme citado por Antunes (2009, p.141):

Hegel, analisando o ato de trabalho em si mesmo, dá ênfase ao instrumento como um momento que tem um efeito duradouro para o desenvolvimento social, uma categoria de mediação de importância decisiva, por meio do qual o ato de trabalho individual transcende sua própria individualidade e o elege como um momento de continuidade social (ANTUNES, 2009, p.141).

O trabalho como agente transformador do homem na sua natureza humana, consiste em atingir um controle consciente sobre si mesmo, esse novo ser social que emerge, que busca na vida cotidiana sentido através do trabalho para sua autorrealização individual e coletiva.

Pensar no sentido da vida a partir do trabalho permite fazer conexões entre trabalho e liberdade, que não ficam apenas no campo originário “metabólico entre homem e natureza, e sim a práxis interativa no interior dos próprios seres sociais, de modo a procurar influenciá-los nas suas ações e decisões” (ANTUNES, 2009, p.145). Ou seja, a partir do momento que o homem tem domínio sobre as suas ações na esfera natural o trabalho entra como modelo de liberdade.

A classe trabalhadora contemporânea, para Ricardo Antunes (2009) usa o termo classe-que-vive-do-trabalho que é compreendida pela totalidade (totalidade

no sentido dos trabalhadores assalariados) daqueles que vendem sua força de trabalho para o capital.

Com a diminuição das ofertas de trabalho devido a reestruturação produtiva do capital, Antunes (2009) cita alguns fatores que podem ter influenciado essa configuração de classe trabalhadora.

A redução do proletariado estável, herdeiro do taylorismo/fordismo, a ampliação do trabalho intelectual abstrato no interior das fábricas modernas e a ampliação generalizada das formas de trabalho precarizado (trabalho manual abstrato) sob a forma do trabalho terceirizado, part time, desenvolvidas intensamente na “era da empresa flexível” e da desverticalização produtiva, são fortes exemplos da vigência da lei do valor. O aumento dos trabalhadores que vivenciam as condições de desemprego (a expressão “excluídos”, frequentemente usada para designá-los contém um sentido crítico e de denúncia, mas é analiticamente insuficiente) é parte constitutiva crescente do desemprego estrutural que atinge o mundo do trabalho, em função da lógica destrutiva que preside seu sistema de metabolismo societal (ANTUNES,2009, p.120-121).

Por tanto “a classe trabalhadora moderna é crescentemente composta por esses segmentos diferenciados, mulheres e terceirizados e/ou precarizados [...], que são parte constitutiva central do mundo do trabalho” (ANTUNES,2009, p.107), fazendo uma análise superficial da classe trabalhadora encontrada no garimpo, podemos supor alguns motivos que levam a essa configuração espacial do trabalho.

A função da mulher no garimpo, assim como em diversas profissões a desigualdade de gênero aqui é explícita, “nunca” será equiparada ao homem na profissão de garimpeiro seja na força física ou no dever de provedor do sustento da família através do garimpo. A mulher entra no garimpo como um trabalhador “terceirizado”, o trabalho dela se realiza como complementação para a renda familiar, como elas próprias dizem, o dinheiro recebido serve apenas para fazer a feira no final da semana, e ajudar o companheiro nas despesas mais emergenciais. No papel que compete ao homem, nesta espécie de divisão de gênero do trabalho local, ficam as atividades pesadas que o exercício da função exige e conseqüentemente a maior remuneração que é superior e incompatível ao da mulher.

A entrada dos jovens nesta configuração de trabalho na Serra da Carnaíba,

está associada muitas vezes ao processo de subalternação no mercado de trabalho ou pela falta de oportunidade da região, não podemos deixar de mencionar que esses trabalhadores são informais, sendo assim estão estabelecendo as suas relações de trabalho nas bordas do sistema oficial, o que indica a diminuição dos direitos trabalhistas garantidos por leis.

Os proprietários das minas se apresentam como os “senhores do capital” na localidade, pois os maiores lucros chegam a níveis internacionais, devido ao reconhecimento das pedras no mercado internacional, este favorecimento ao sistema do capital é proveniente do trabalho precarizado, sob condições inadequadas que são submetidas a classe trabalhadora oriunda do garimpo. Portanto, “o espaço geográfico enquanto expressão concreta do produto do trabalho edifica-se, sob o modo de produção capitalista, subordinado a sua lógica de acumulação” (LOURENÇO, 2016, p. 3), e assim, através destas configurações é que o espaço da Serra da Caraiíba se produz e reproduz.

O espaço urbano capitalista é também produto social, mediante aos relatos dos moradores antigos a apropriação inicial da Serra da Caraiíba pela atividade do garimpo, no povoado da Marota, ocorreu em forma de “troca”. O proprietário das terras onde foram encontradas as jazidas, conhecido como Maroto, cedia um pedaço de terra para que os garimpeiros construíssem suas moradias e em forma de pagamento os garimpeiros repassavam uma parte do lucro da venda das esmeraldas encontradas na área. Isso ocorreu por algum tempo, após o intenso fluxo de novos garimpeiros não foi possível continuar com este sistema de produção. As causas da descontinuidade não foram mencionadas pelos entrevistados.

Ao analisar as classes sociais existentes no garimpo, percebe-se grande interdependência entre elas, o que revela uma característica comum em áreas de mineração, em um processo desigual de acumulação do capital. Estas classes sociais entrelaçadas, tendem a marcar as características que configuram a produção do espaço da Serra da Caraiíba, que está em constante transformação em função do ciclo produtivo de exploração da esmeralda, ou seja, a atividade mineral é o ponto central dessa estrutura organizacional que produz o espaço nestas localidades e revela uma dinâmica espacial induzida pela ação dessas classes existentes no garimpo.

Por tanto, o espaço produzido aparece como resultado do produto social, ele

“é dotado de conflitos, por envolver diferentes sujeitos sociais com interesses diversos, nesse ininterrupto processo de produção-reprodução” (MATOS E MAIA, 2018, p.18).

## 2.2 A TRIADE CONCEITUAL DO ESPAÇO POR LEFEBVRE

Vale ressaltar a tríade conceitual do espaço social, desenvolvida por Lefebvre (2000) indica que o espaço produzido e reprodução pela prática social se realiza entre o espaço percebido, o espaço concebido e o espaço vivido.

O espaço compreendido em sua tridimensionalidade apresenta não apenas o conteúdo material no e do espaço, como também concede relevância e destaque ao que é construído pelo pensamento, aos componentes ou aspectos ideológicos que incidem sobre os elementos e estruturas materiais, assim como ao que é vivido, experimentado. O percebido – da dimensão prática, do mundo sensível –, assim, sofre influência do concebido – formado por uma mescla entre saber e ideologia – ao mesmo tempo em que o concebido precisa ser previamente percebido para se formar (Ibidem). Simultaneamente, o vivido é dominado e condicionado pelo concebido (BEVEDER, 2014, p.18).

A prática espacial está relacionada com a percepção do sujeito através do seu uso do espaço pela prática de produção e reprodução do espaço percebido, em lugares especificados com características próprias de formação social. O emprego proveniente da exploração do minério e as relações de trabalho dos garimpeiros fazem parte da dimensão da prática espacial, fazendo uma correlação com área de estudo.

O espaço concebido, ou seja, as representações de espaço têm um alcance relativamente prático, teórico e abstrato que se insere modificando as espacialidades, dotados de conhecimento e de ideologias onde possui uma influência nas relações de produção do espaço.

Para elucidação do termo, Souza (2009, p.4).

O espaço concebido é notadamente o da representação abstrata traduzido no capitalismo pelo pensamento hierarquizado, imóvel, distante do real. Advindo de um saber técnico e, ao mesmo tempo, ideológico, as representações do espaço privilegiam a ideia de produto devido à supremacia do valor de troca na racionalidade geral.

Para Andrade et. al., (2016, p.20)

As representações do espaço, relacionadas à estrutura e ao espaço concebido, como dizem respeito à disposição de elementos responsáveis pela funcionalidade do espaço, são parte fundamental dos processos de abstração do espaço e sua tentativa de homogeneização.

Os espaços de representação que correspondem ao espaço vivido acompanham imagens e símbolos, é o espaço dos filósofos e escritores. Portando trata-se do espaço dominado, “que a imaginação tenta modificar e apropriar” (LEFEVBRE,2000).

Penetrados de imaginário e de simbolismo, eles têm por origem a história, de um povo e a de cada indivíduo pertencente a esse povo. Os etnólogos, os antropólogos, os psicanalistas estudam, sabendo ou não, esses espaços de representação, freqüentemente (sic) esquecendo de confrontá-los com as representações do espaço que coexistem, conciliando-se ou neles interferindo, negligenciando ainda mais a prática espacial (LEFEVBRE, 2000, p.70).

Todavia a compreensão das representações é mediada entre o campo do concebido e do vivido, relações essas que se entrelaçam e transitam dentro do discurso articulado e o conhecimento do cotidiano, as vivências. Sendo assim, “uma vez que atuam como elementos estruturadores do pensamento e das práticas sociais, e estruturadas porque pertencentes a um mundo social já simbolizado” (SILVA, 2011, p. 107 apud ANDRADE et. al.,2016, p.20).

Após essa breve contextualização sobre as representações do espaço, podemos supor que a funcionalidade do espaço/social no garimpo da Serra da Carnaíba, advém do envolvimento da cooperativa tanto nos espaços de representação como na prática espacial, por que ela possui métodos e recursos para a obtenção desse saber técnico e idealizado sob a lógica do capital, sendo assim, contendo um discurso potencializador de mediação de conflitos de interesses para beneficiamento do capital.

A Política Nacional de Cooperativismo considera que: cooperativa é uma associação de pessoas de interesses comuns, organizada de forma democrática, a participação é livre de todos, onde presta serviços direto aos associados e sem fins lucrativos, de acordo com a Lei 5.764, de 16 de dezembro de 1971(BRASIL,1971).



A instituição da cooperativa na Serra da Carnaíba é formada pelos proprietários das minas, ela contém diversas ações para auxiliar os seus associados na atividade mineradora umas delas é a regulamentação da atividade perante os órgãos fiscalizadores do Estado, como também auxilia na emissão de certificados de autenticação das gemas que proporciona mais credibilidade no mercado internacional.

De acordo com a Revista Esmeralda Bahia (2021), a cooperativa vem procurando ações de mitigação do passivo ambiental deixado pela extração do minério, umas das alternativas é a agromineral que é a utilização do pó da “pedra” do minério como fertilizante na agricultura (correção do solo), estudos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa e pela Companhia Baiana de Pesquisa Mineral – CBPM, comprovam a eficácia desta técnica, que poderia resultar em mais uma fonte renda.

O capital se reinventa através das crises, partindo desta vertente com o agravamento das altas e baixas produtividade do garimpo no decorrer dos anos, a cooperativa visando explorar o potencial mineral da área buscou a regulamentação da exploração e a comercialização de outros recursos encontrados no subsolo como a alexandria, quartzo e molibdênio. A permissão foi concedida pela Agência Nacional de Mineração – ANM, porém seguindo alguns protocolos de comercialização como a emissão da nota fiscal que será por meio da cooperativa.

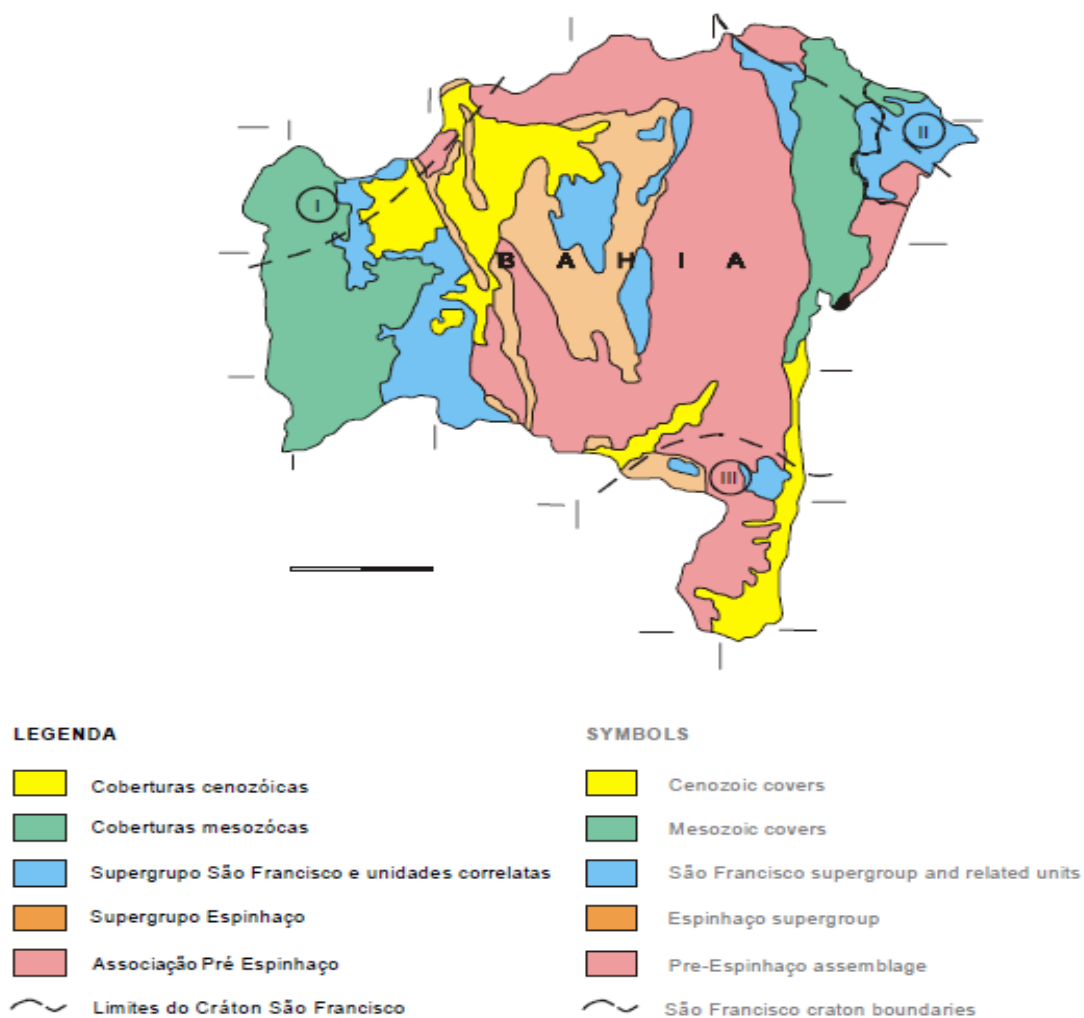
### **3 CARACTERIZAÇÃO DA AREA DE ESTUDO**

Segundo dados do portal oficial do Governo do Estado da Bahia (ASCOM/SDE, 2020), o Estado é o quarto maior produtor brasileiro de bens minerais e líder nacional na produção de barita, bentonita, cromo, diamante, magnesita, quartzo, salgema e talco. Essa dinâmica do garimpo tem sido por muito tempo destaque na atividade mineral mais especificamente na região do semiárido baiano, principalmente, com a presença de mais de trinta variedades geológicas com destaque para a esmeralda oriundas das minas em Pindobaçu e Campo formoso; diamante em Nordestina; ouro em Jacobina, Araci, Barrocas, Santaluz e Teofilândia; Cobre em Jaguarari, Juazeiro e Curaçá; O cromo se concentra em Andorinha, Campo Formoso e Santaluz, podemos encontrar também água-marinha, ametista, citrino, crisoberilo e cristal-de rocha entre outras no estado.

[...]O território baiano encontra-se inserido no Cráton do São Francisco (ALMEIDA, 1977), entidade geotectônica estabilizada no ciclo Brasileiro (cerca de 600 milhões de anos)[...] estão distinguidos, simplificadaamente, além das coberturas cenozóicas e mesozóicas não-dobradas, três grandes conjuntos precambrianos: os supergrupos São Francisco e Espinhaço, que representam coberturas plataformais dobradas do Neoproterozóico e do Mesoproterozóico, respectivamente, e a Associação Pré-Espinhaço, que corresponde ao embasamento arqueano paleoproterozóico (COUTO, 2000, p.15).

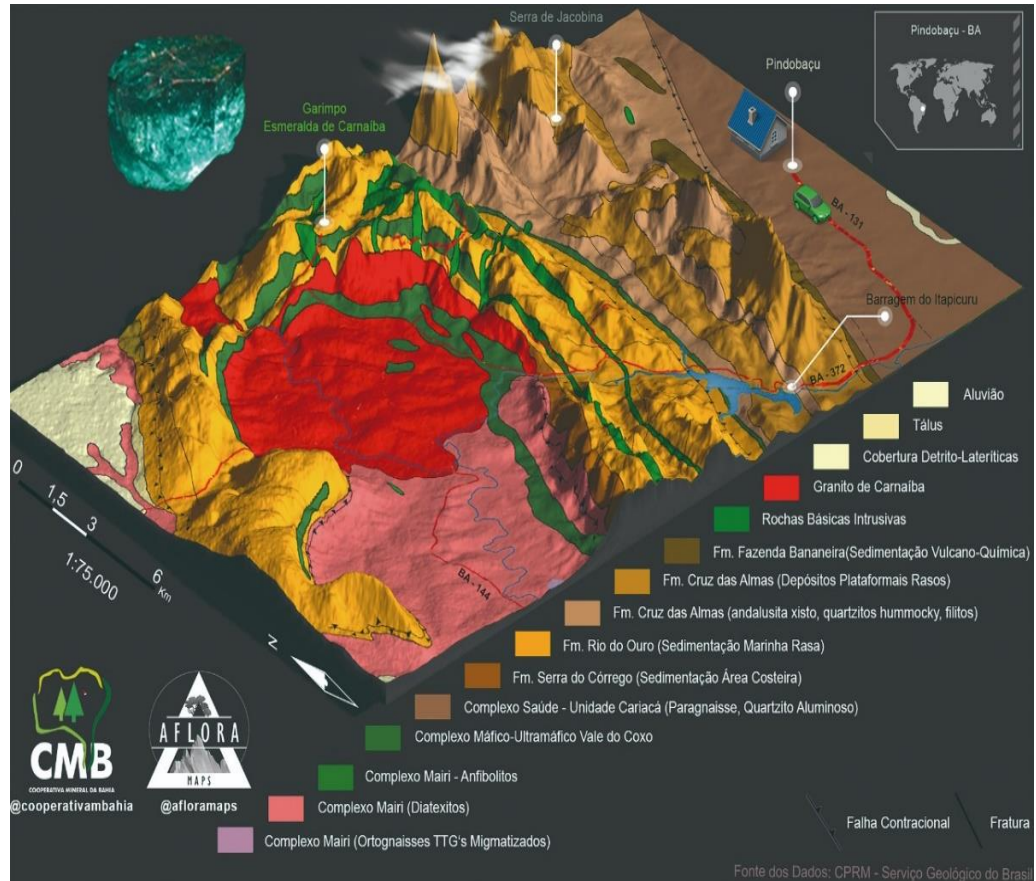
A figura (01) expõe a descrição supracitada da formação geológica da Bahia e a figura (02) faz um recorte na localização da área.

**Figura 1- Mapa Geológico da Bahia**



Fonte: Mapa Geológico do Estado da Bahia – CPRM (2000, p.17)

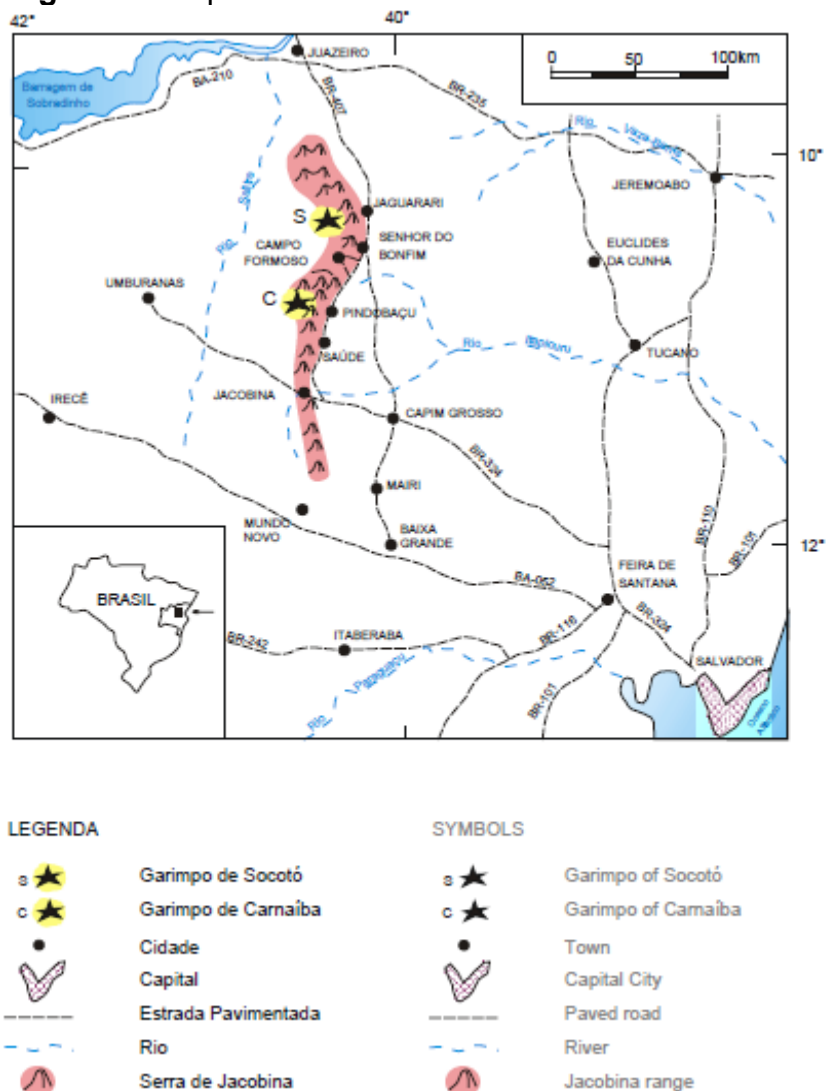
**Figura 02 - Mapa Geológico e de Localização Serra da Carnaíba**



Fonte: Revista Esmeralda Bahia – CMB (2021, p. 24)

Em relação a figura 3, podemos destacar a localização da Serra da Jacobina, que se encontra no norte do estado da Bahia, onde reúne um complexo de serras, com extensão de 220 km, nela se concentra uma importante região dobrada da crosta que apresenta um desenvolvimento tectonomagmático específico encerrando uma série de depósitos minerais denominando de província metalogénica.

**Figura 3 - Mapa da Serra de Jacobina**



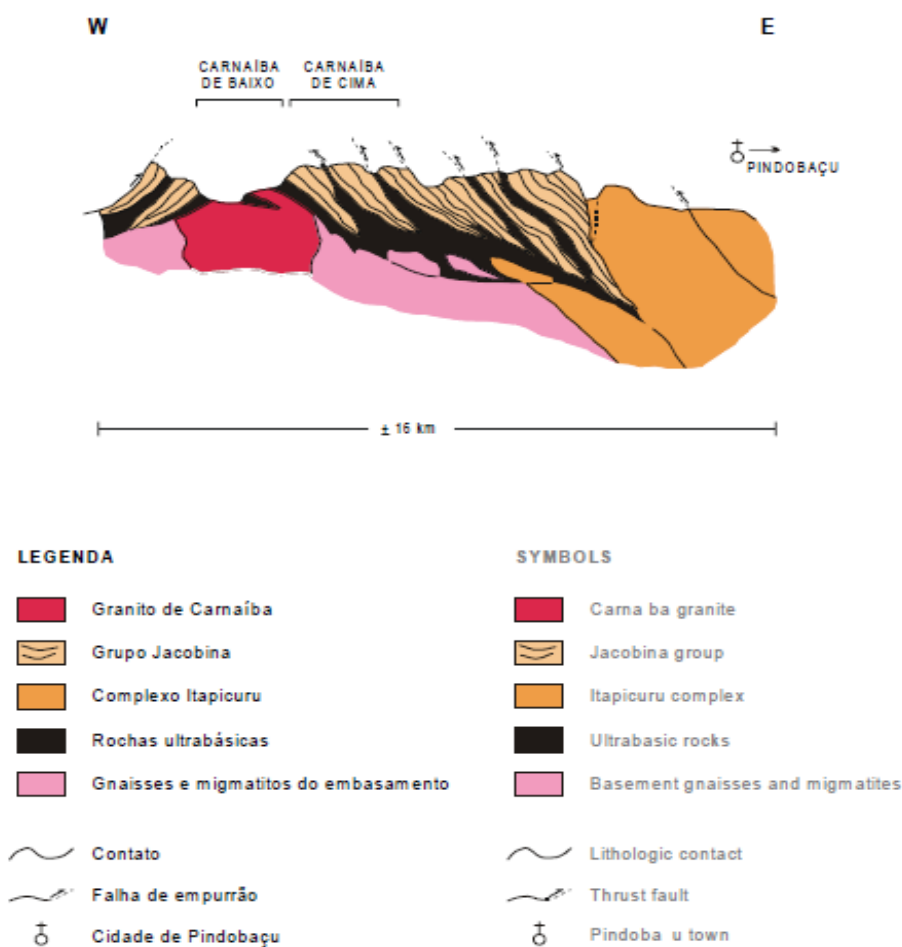
Fonte: Mapa Gemológico do Estado da Bahia – CPRM (2000, p.41)

Em relação às características do espaço geográfico apresentado nas figuras, podemos destacar que a província metalogénica encontrada na serra da Jacobina contém granitos intrusivos que são formados no interior da crosta devido a bolsões de ar provenientes do movimento das placas que foram se resfriando e se consolidando lentamente com manifestações pegmatíticas que tem por característica uma granulação grosseira e encontra-se sob a forma de corpos tabulares ou veios, especialmente nas margens de batólitos consequentes que promoveram alterações metamórfico metassomáticas em rochas ultrabásicas, produzindo mineralizações de

berilo (esmeralda).

Portanto, as ilustrações apresentadas nas figuras, em particular na figura (04), demonstram a disposição dos quartzitos do Grupo Jacobina com as rochas ultrabásicas interpostas, arqueados pela intrusão granítica (Granito de Carnaíba), (COUTO, 2000, p. 39).

**Figura 4 - Seção Geológica Transversal na Região da Carnaíba**

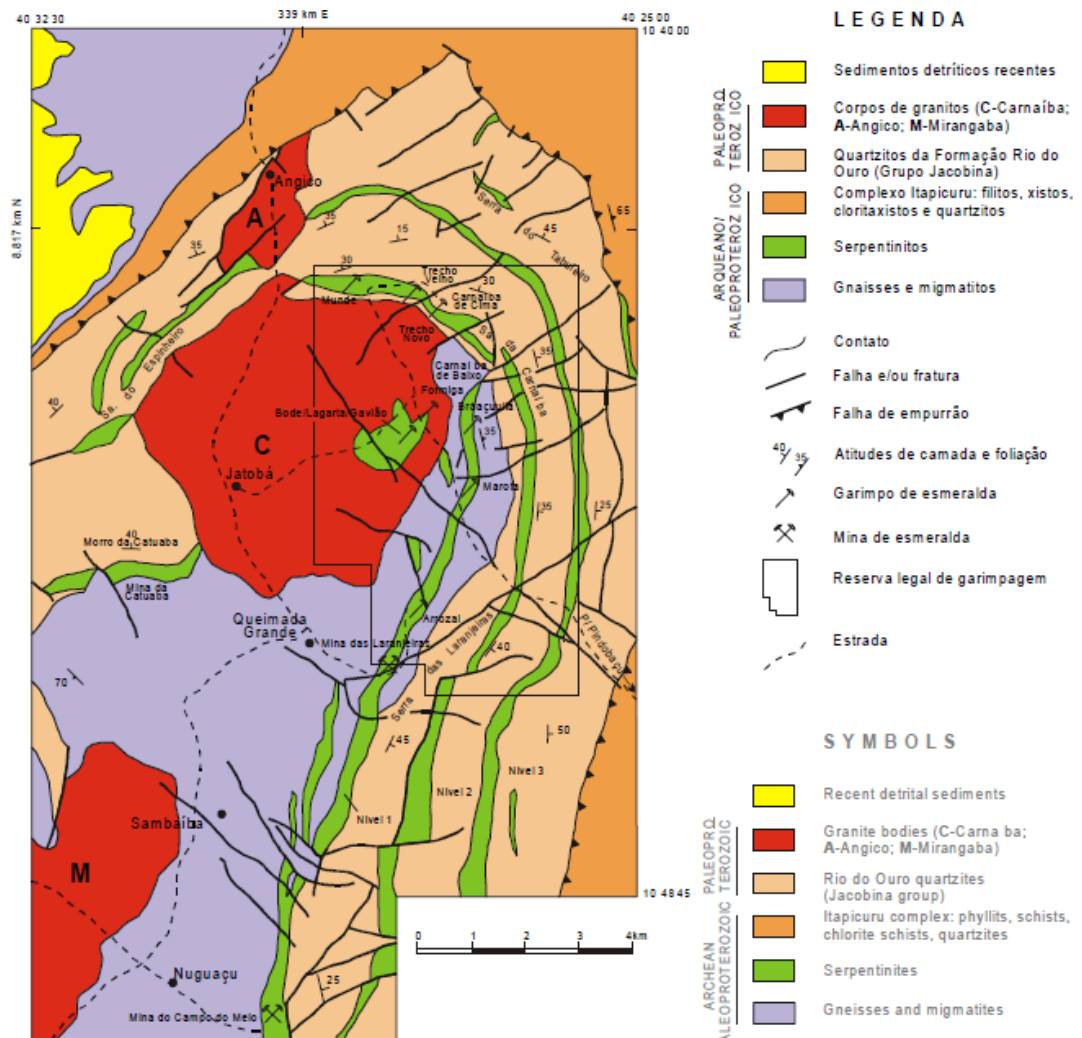


Fonte: Mapa Geológico do Estado da Bahia – CPRM (2000, p.44)

Sobre a caracterização da região geológica de Carnaíba (figura 5), Couto (2000) descreve que,

Em Carnaíba, as elevações da serra de Jacobina são sustentadas por ortoquartzitos plaqueados, verdes a brancos, recristalizados, de granulação fina a média, pertencentes ao Grupo Jacobina. As rochas ultrabásicas, hospedeiras de esmeralda é ocasionalmente de alexandrita, estão geralmente serpentinizadas e ocorrem em faixas com largura máxima de 200 metros, acompanhando o trend dos quartzitos (COUTO, 2000, p.39).

**Figura 5 - Mapa Geológico da Região da Carnaíba**



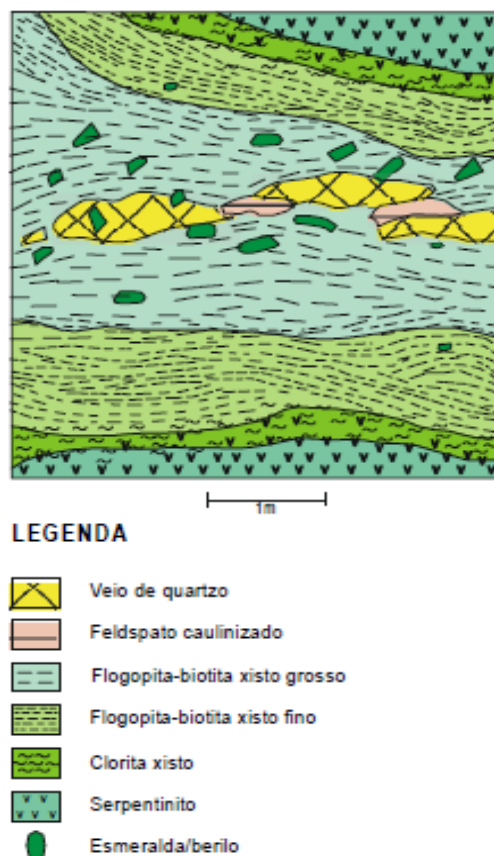
Fonte: Mapa Gemológico do Estado da Bahia – CPRM (2000, p. 42)

A figura 6 apresenta as características geológicas que fazem com que a Serra da Carnaíba se apresente como uma província geológica que abriga uma quantidade significativa de filões de berilo, configurando-se como um ambiente rico em esmeraldas, o que justifica a busca por este mineral e o conseqüente processo de produção do espaço.

Em Carnaíba, os filões contendo berilo e/ou esmeralda, de natureza metassomática podem apresentar núcleos de quartzo, em geral boudinados, resultantes da atuação de forças tensionais, envolvidos por flogopita/biotita xistos, que passam gradativamente para serpentinóis mais conservados.[...] Estruturalmente foram definidos

dois tipos principais de filões: um tipo relacionado a fraturas e o outro a veios de contato entre a rocha serpentínica (rocha metamórfica) e os quartzitos; respectivamente “frincha” e “veio de esteira”, na linguagem dos garimpeiros (COUTO, 2000, p.45).

**Figura 6** - Zoneamento Esquemático de Filão Mineralizada



Fonte: Mapa Gemológico do Estado da Bahia – CPRM (2000, p. 49)

Após essa breve caracterização da área de estudo, é notável a importância e a riqueza dessa província metalogenética reconhecida em todo o país, podemos perceber que a área a ser explorada é extensa. Na faixa de borda da serra, encontram-se as minas ou os “cortes” como são popularmente chamados pelos garimpeiros, logo após a descoberta do minério (esmeralda) começaram a se formar os serviços de garimpagem.

No que confere à legislação nacional, no Regulamento do Código de Mineração, Lei n. 227/1967, no art. 70, considera-se que,

I - garimpagem, o trabalho individual de quem utilize instrumentos rudimentares, aparelhos manuais ou máquinas simples e portáteis, na extração de pedras preciosas, semi-preciosas e minerais metálicos ou não metálicos, valiosos, em depósitos de eluvião ou aluvião, nos álveos de cursos d'água ou nas margens reservadas, bem como nos depósitos secundários ou chapadas (grupiaras),

vertentes e altos de morros; depósitos esses genericamente denominados garimpos (BRASIL,1967).

O processo de extração das esmeraldas, no Garimpo da Serra da Carnaíba, dar-se por meio de vias subterrâneas, escavadas, verticalmente (poço), sob estruturas cobertas no solo rochoso onde os blasters (garimpeiro encarregado de manipular os explosivos) manuseiam bananas de dinamite, fixando em fendas feitas na rocha e ao encontrarem os veios de esmeralda, eles utilizam martelos, marretas e picaretas a para a extração, as minas possuem sistema de iluminação e comunicação.

Os garimpeiros que fazem esse serviço subterrâneo são divididos por turnos (07:00 às 15:00 e das 15:00 às 23:00) de oito horas interruptas, ou seja, só retornam a superfície no fechamento dos turnos.

O rejeito que sobra das escavações (arroio) e dado pelos proprietários do corte (foto 01) aos “quijilas” (foto 02) nome popularmente dado aos trabalhadores que ficam ao redor das minas pelo lado de fora, com bacias lavando os rejeitos à procura de esmeraldas (foto 03).

**Foto 1** - Rejeito que sobra das escavações (arroio)



Fonte: A Autora, (2020)



**Foto 2 - Quijila**



Fonte: A autora (2020)

**Foto 03 – Minério de menor valor**



Fonte: A autora (2020)

A venda do minério é feita de maneira informal com a ajuda de atravessadores (pessoas que compram e revende as pedras até o cliente final), eles compram tanto com os proprietários das minas as pedras de maior valor, como das quijilas, as pedras de menor valor, que também são vendidas na feira-livre, em bancas expostas sem qualquer restrição. Estas feiras geralmente acontecem aos sábados no distrito de Carnaíba de Cima, mobilizando de forma sensível a área, interferindo no comércio de elementos complementares e paralelos à venda das esmeraldas.

Não podemos esquecer de mencionar, ainda que brevemente a degradação ambiental que é vista claramente em toda a área de atividade mineral na localidade. Foi possível perceber que a atividade econômica acarreta sérios problemas ambientais, tais como: degradação do solo, da vegetação, destruição das corpos d'água existentes no local, descarte de lixo inadequado pela população, afugentamento dos animais pelo bagulho dos explosivos, crescimento desordenado tanto no processo de moradia, como também da área no entorno das minas avançando sobre a vegetação entre outros.

#### **4 A (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA SERRA DA CARNAÍBA**

A descoberta das esmeraldas na localidade do Garimpo da Caraíba ocorreu na década de 1960, não há relatos oficiais e nem estudos que comprovem a data exata do seu descobrimento, a área de extração é de 3.692,25 hectares para a atividade de garimpagem e engloba os três povoados Marota, Carnaíba de Baixo e Carnaíba de Cima que utilizamos para a realização da pesquisa.

[...] começaram os serviços de escavação no final do ano de 1963 no setor conhecido como Bráulia, situado na Carnaíba de Baixo. No ano seguinte, foram descobertas mineralizações de Carnaíba de Cima, a partir de alguns rolados de berilos encontrados na meia encosta da Serra da Jacobina, originando o setor de extração denominado de Trecho Velho. Por volta de 1968, foram localizadas as mineralizações de esmeralda na Marota (Carnaíba de Baixo) e, somente em 1972, as do Trecho Novo, na Carnaíba de Cima (CAVALCANTE, 2010, p.15 e 16).

Além das publicações sobre como foi descoberta a esmeralda na região, relatos de moradores antigos descrevem com detalhes como ocorreu. Conforme a explanação do entrevistado MA1 que diz:

[...] Na Carnaíba de cima foi o cara andando caçando, esses coquinhos de palmeira Babaçu. Ele caçando quando deu fé escorregou quando olha, o veio tava de fora cheio de esmeralda na cachoeira grande da Serra, estava ô veio lá e foi assim que descobriram o garimpo da Serra na Carnaíba de Cima. E o da Marota tá aqui era um matagal e jogaram os bichos aqui dentro, aí os bichos começando a pisar, a pisar e escorregando. Começar a pisar por cima do veio e descobriram. Na Bráulia as formigas jogando a maracacheta e as pedrinhas pra cima aí desceram e descobriram o veio rasiño, pedra mole ela jogando do buraco para fora eles iam passando e acharam daí foi chamado de garimpo da formiga por um tempo (Carnaíba de Baixo) [...].

Nesse sentido, o interesse e o “objeto”, nesse caso os minerais, são produtores de dinâmicas que se transferem das coisas no espaço para a produção do espaço e, ele próprio, vai se estruturando e vai configurando o fluxo das mudanças. Esse processo complexo produz e é produzido pela atividade mineradora, produtos parciais localizados no espaço, ou seja, uma estrutura que junta as coisas, de um lado, e do outro os discursos sobre o espaço, sobre a atividade, conjunto de coisas que servem apenas como indicações e testemunhos sobre esse processo produtivo (que compreende, sem reduzir-se a isso, processos significantes), (LEFEBVRE, 2000).

As dimensões de análises foram construídas, procurando organizar os elementos para a compreensão das influências exercidas pela atividade mineral na produção do espaço e como se efetivaram as relações do indivíduo no ambiente na perceptiva das representações e práticas espaciais, apresentadas por Lefebvre (2000).

#### 4.1 AS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO NA SERRA DA CARNAÍBA

No que corresponde à formação das representações do espaço no garimpo da Serra da Carnaíba, podemos citar, inicialmente, como o espaço era ocupado anteriormente à descoberta das esmeraldas. De acordo com o relato dos moradores antigos, coletados através das entrevistas realizadas, a localidade era povoada por agricultores com pastagens de animais e seu relevo de serras preservadas. A inclusão da extração das esmeraldas, mediante a formação do garimpo na região, modificou completamente os planos e conceitos desses pequenos agricultores que possuíam conhecimentos e técnicas específicas sobre a organização do seu modo de vida, tiveram, então, que se reorganizar com a nova atividade imposta.

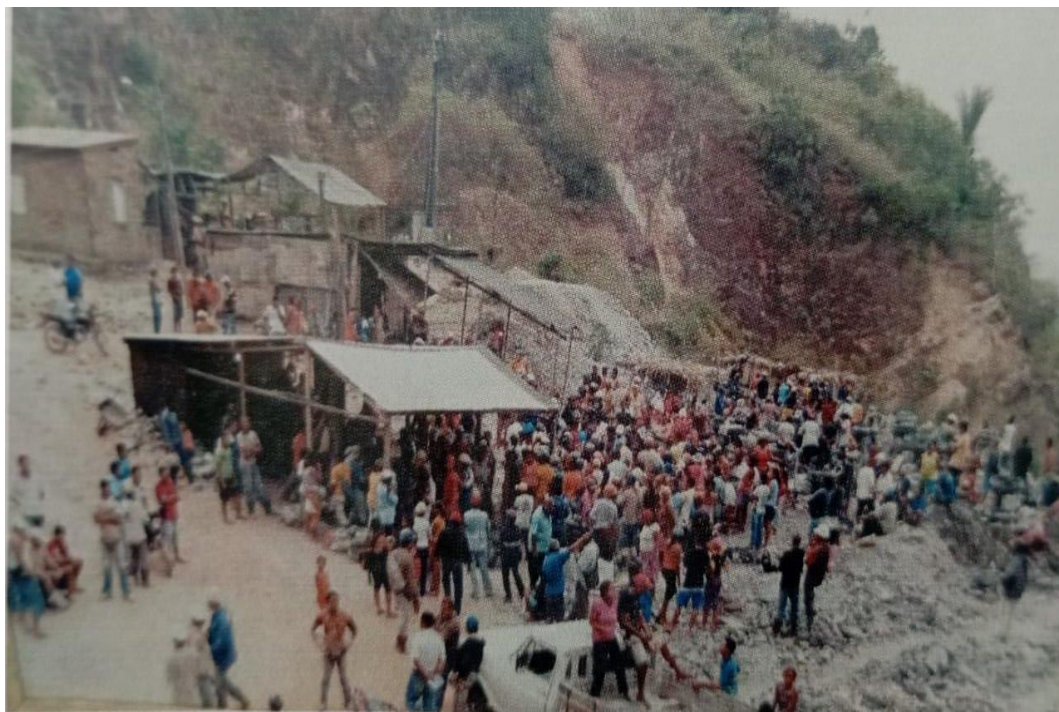
Com a chegada dos garimpeiros, o espaço precisou ser reestruturado para atender o crescimento local, contudo o espaço social, como descrito anteriormente, não desapareceu, não deixou de existir, continua lá, porém ele foi sobreposto pela consequência do desenvolvimento ocasionado pela mineração. A agricultura foi de fundamental importância para a descoberta do minério, levando em consideração a década que foi descoberta a esmeralda. É necessário, ao analisar esta localidade, ter em consideração o movimento dialético para a compreensão dos elementos e estruturas envolvidos na (re)produção do espaço na Serra da Carnaíba.

O espaço é um produto histórico e social, por isso a inserção do garimpo impõe a esta localidade uma nova articulação e novas formas de expressão. Observa-se que o espaço social pré-existente é transformado, quer seja nas suas características físicas, quer seja nas suas características sociais. Os níveis da transformação se dão de forma objetiva, na tessitura de novos arranjos espaciais, quer seja de forma subjetiva, operando na construção de um discurso que de certa forma exerce uma dominação nesses espaços de representação (espaço vivido), desempenham um papel de produto e produtor desse espaço social que será idealizado, proveniente dessa atividade mineradora.

[...] a produção em sentido amplo (produção do ser humano por ele mesmo) implica e compreende a produção das idéias (sic), das representações, da linguagem. Intimamente misturada à atividade material e ao comércio material dos homens, ela é a linguagem da vida real. Os homens produzem as representações, as idéias (sic), mas são os homens reais, ativos. Assim, a produção não deixa nada fora dela, nada do que é humano. O mental, o intelectual, o que passa pelo “espiritual” e o que a filosofia toma como seu domínio próprio, são “produtos” como o resto. Há produção das representações, das idéias (sic), das verdades, assim como das ilusões e dos erros (LEFEBVRE, 1999, p. 44, apud SCHMIDT, 2009, p. 40).

Com a introdução deste novo grupo social, (os garimpeiros), observa-se uma modificação significativa na funcionalidade do espaço (Figura 04), uma das causas destas novas formas de produção e reprodução das relações sociais se dá por intermédio do rápido crescimento populacional. Temporalmente, é a partir da década de 1960 e até meados de 1980, que esse processo vai refletir diretamente no processo de produção e reprodução do espaço, descambando na configuração e nos arranjos espaciais na atualidade.

**Figura 4** – Garimpo da Serra da Carnaíba na década de 80



Fonte: Revista Esmeralda Bahia, (2021).

A (re)produção do espaço na região foi inicialmente articulada com base na exploração do minério, um dos pontos que foi levado em consideração para esta análise, centra-se na organização espacial dos elementos dispostos no ambiente, podemos mencionar: as casas que foram construídas umas sobre as outras (amontoadas) ao redor das minas, por consequência da ausência da falta de planejamento sobre a habitação, o que decorre na constituição de edificações que possuem danos estruturais e superficiais causados pela detonação dos explosivos usados no garimpo; as ruas apresentam uma morfologia estreita, dificultando a mobilidade e a acessibilidade na área. A configuração é de difícil acesso, e o espaço urbano não foi produzido levando-se em consideração as características do relevo (fotos 05, 06, 07).

**Foto 05 – Casas construídas sem planejamento**



Fonte: A Autora, (2021)

**Foto 06 – Ruas estreitas**



Fonte: A Autora, (2021)

**Foto 07** – Casas com difícil acesso



Fonte: A Autora, (2021)

Por consequência da atividade de mineração, que corresponde ao principal ingresso econômico da localidade, surgem outras atividades interdependentes da atividade econômica principal, que foram núcleos pensados para atender as necessidades dos garimpeiros e foram se reinventando com o tempo e com as crises desta economia central, como relatado pela moradora MA2, um exemplo no trecho da Marota que diz: “[.]Aqui era grande parecia uma cidade, tinha mercado, salão de beleza, restaurantes vários, farmácias aqui tinha tudo neste lugar, até um circo[...].”.

Ressaltando que o povoado da Marota, não possui essas atividades com tanta intensidade, esse relato corresponde ao início da extração mineral na Marota.

Visto que a produtividade do garimpo nas décadas iniciais gerava recursos imensuráveis e com isso o poder de compra foi ampliado. Para atender essas demandas, surgem núcleos de comércio e outros seguimentos, sendo assim, o capital de uma certa forma continuava concentrado no local, a falta de viabilidade de acesso encontrada na época, teve um papel importante para o surgimento desses núcleos.

A inviabilidade de acesso fez com que as necessidades dos garimpeiros

fossem atendidas no próprio local, por intermédio, dessas relações de representação que contribuíram para a ressignificação do espaço, atribuindo uma complexificação local capaz de desenvolver atividades de serviço para atender a necessidade dos moradores. Que regido sob a lógica de reprodução do capital, transformou o espaço em um fluxo de comércio e serviços que se encontra presente no ambiente até hoje, contendo várias lojas de diversos seguimentos.

Podemos observar algumas construções em ruínas como: galpões abandonados, que já serviram como armazém e depósitos, prédios abandonados que antigamente abrigavam cinemas e casas de shows, estas casas exerciam centralidade na região e atraíam apresentações de alguns cantores famosos naquela época que remete na memória dos moradores antigos às lembranças dos tempos de “ouro” do garimpo.

Com o fluxo de pessoas cada vez maior, juntamente com os de serviços, a necessidade de melhorar a estrada foi indispensável, a BA -372 foi construída ligando a região com a BA - 131, que dá acesso à cidade de Pindobaçu -BA (fotos 08,09).

**Foto 08** – Acesso a entrada da BA -372



Fonte: A Autora, (2022).



**Foto 09** – Trecho da BA – 372 ao lado da Barragem de Pindobaçu



Fonte: A Autora, (2022).

Os diferentes períodos históricos mencionados, remete-nos a diferentes espaços, que apresentam uma transição de um modo de organização de produção social local para outro, ocasionando um espaço “novo” durante a execução dessas mudanças, o que configura um processo de modernização atrelado a concentração do capital, ainda que em proporções locais. Portanto, “o espaço que surge com capitalismo e industrialização (modo de produção capitalista) que, talvez, já esteja condenado a dar lugar a um novo espaço de uma sociedade diferente” (COSTA, et. al, 2003, p.48) parece ter operado na Serra da Caraíba processos de modernização, aglomeração e condensação do espaço capazes de produzir um espaço urbano periférico e precarizado, mas que altera significativamente as características do local para sempre.

#### 4.2 AS PRÁTICAS ESPACIAIS

Voltando ao início deste trabalho, a retomada da idealização da riqueza trazida com os novos moradores da Serra da Caraíba, que foram de fundamental importância para a produção do espaço, por intermédio das relações de práticas espaciais, contribuiu para as mudanças do espaço, que foi apropriado e ressignificado com o emprego do tempo.

[...]Como toda prática social, a prática espacial se vê antes de se conceber; mas o primado especulativo do concebido sobre o vivido faz desaparecer com a vida, a prática; ele responde mal ao “inconsciente” do vivido como tal (LEFEVBRE, 2000, p. 60 e 61).

Analisando a produção do espaço sob uma perspectiva social acerca da ressignificação do espaço que antes tinha um sentido comum para os primeiros moradores da localidade, e com a chegada dos garimpeiros dotados de esperança e imaginação sobre a riqueza encontrada, modificou-se essas relações através da temporalidade.

Nesse cenário, o espaço foi produzido e as relações do indivíduo com ele foram alteradas, anteriormente, tinham um papel de exploração e ocupação do território, desta forma, retirando o mineiro sob a idealização de riqueza, este imaginário remete à produção de um espaço novo, sob a hegemonia do capital.

Fazendo uma correlação com o sentido exposto anteriormente, e analisando as afirmações de Lefebvre (2000) sobre “Mudar a vida” vinda dos filósofos e poetas que remete a uma qualidade de vida, a viver melhor, um slogan político que tem movimento de vai e volta. Com isso, são as práticas sociais de cotidianidade no espaço abstrato e as representações do espaço, que se concretiza esta realidade, que para alcançar este “mudar a vida” produz as relações de produção de um novo espaço. Lefebvre afirma que,

[...] trata-se de um engano {um truque}: escamoteadas, a pressão do mercado mundial, a transformação do mundo, a produção de um novo espaço. A idéia (sic) recai na idealidade, ao passo que se trata de conduzir ao dia {despontar, alvorecer}, gradualmente ou por saltos, uma prática espacial diferente (LEFEVBRE, 2000, p. 94).

A passagem do tempo, bem como as dificuldades encontradas, faz com que esse período de idealização se modifique, pois, a introdução do trabalho também atribuiu a uma percepção social da realidade, evidenciada com vigor pelos membros mais desfavorecidos das camadas sociais encontradas no garimpo, os garimpeiros (foto 10, 11, 12,13).

**Foto 10** – Estrutura de perfuração no solo para a descida dos garimpeiros



Fonte: Jose Erisvaldo (2019)

**Foto 11**- Condições de trabalho dos garimpeiros no subsolo



Fonte: Alan Cruz (2022)

**Foto 12** – Condições de trabalho dos garimpeiros no subsolo 2



Fonte: Alan Cruz (2022)

**Foto 13** – Condições de trabalho das quijilas



Fonte: Jose Erisvaldo (2019)

Olhando por essa perspectiva, eles não tinham intenção de permanecer na localidade, como dito anteriormente, porém através destas dificuldades encontradas nas práticas sociais, e levando em consideração outros elementos como analisado

na fala de um PC 1 que diz: “Mesmo estando ruim hoje, o sonho da manhã é melhorar que eles saindo pra fora pra trabalhar, vão se conformar com o que ganham”. O ambiente e as estruturas que constituem esse espaço, aprisionam este indivíduo a ter este pensamento que reforça o vínculo estabelecido.

Sendo assim, os novos habitantes da Serra da Carnaíba tiveram que ressignificar este local, atribuindo uma característica de pertencimento através das novas formas de apropriação. Então, visto que, com a permanência desse grupo social, fez-se necessária a intervenção do Estado, com a construção de escolas, praças de lazer e postos de saúde, entre outros equipamentos urbanos fundamentais para o desenvolvimento da vida em coletividade, dando maior qualidade de vida aos sujeitos locais (fotos14,15), que mediante às condições de precariedade impostas pela atividade mineradora precisou criar raízes e construir alternativas para que a reprodução da vida fosse possível neste local, dando assim um novo sentido a este espaço.

**Foto 14** – Unidade Básica de Saúde



Fonte: A Autora (2022)

**Foto 15** – Pavimentação asfáltica no centro do distrito /Carnaíba de Cima



Fonte: A Autora (2022)

Estabelecendo aquilo que é apontado por Lefebvre, de que os sujeitos ao produzirem o seu espaço o fazem de forma densa, implicando uma múltipla determinação entre os sujeitos e o espaço em si. Assim, “no que concerne ao espaço social e à relação de cada membro de determinada sociedade ao seu espaço” (LEFEVBRE,2000, p. 59) a Serra da Carnaíba se constituiu como uma área complexa do processo de (re)produção do espaço.

Do ponto de vista analítico, a prática espacial de uma sociedade se revela pela decifração de seu espaço, que está vinculada à realidade cotidiana. A sociedade gradativamente produz o espaço lentamente, o domina e se apropria dele.

#### 4.3 OS ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO

Todos os dias estes garimpeiros saem de suas casas, percorrendo becos e ladeiras e ruas estreitas para trabalhar, as práticas cotidianas (do vivido) tem impacto na produção do espaço, são as relações estabelecidas pelo modelo de produção capitalista e o Estado que influenciam nesse processo.

Com a alta dos produtos básicos necessários a sobrevivência, e a incerteza da remuneração proveniente da atividade, pois, o sistema monetário do garimpo é um tipo de “sociedade” entre os donos dos cortes e os trabalhadores, que recebem seu pagamento, de acordo com a sua produtividade individual, são considerados profissionais autônomos. A agricultura continua presente na vida desse ser social, como uma estratégia de sobrevivência, ela entra como segunda fonte de renda dos garimpeiros (ressaltando que são alguns que dispõem dessa outra renda) que pode se tornar a principal por alguns momentos, a exemplo, do período inicial da pandemia, pelo novo corona vírus no começo de 2020, onde as minas precisaram ser fechadas por motivo de segurança sanitária, ocasionando um dos períodos mais difíceis enfrentados por esses trabalhadores.

Lefebvre (2000) define os espaços de representação como aqueles que são vivenciados através do uso de imagem e símbolos e, portanto, o espaço dos habitantes e usuários, a proporção do vivido dá ênfase ao uso e o valor do uso do espaço, em vez do seu valor de troca. A feira livre denota este sentido pois tem uma peculiaridade característica da localidade, a comercialização das esmeraldas expostas em bancas sem qualquer restrição (Foto 16), atribui significados dos indivíduos sobre os aspectos objetivos da realidade, no caso a exploração do minério.

**Foto 16** – Banca para a exposição do minério



Fonte: A Autora (2022)

Os espaços de representação e as práticas não podem ser analisadas isoladamente pois fazem parte do todo, podemos perceber a utilização do espaço através da sua apropriação, porém na Serra da Carnaíba as ressignificações do espaço através do tempo geraram um conflito de espaços, entrelaçados uns sobre os outros. Por consequência foi realizada uma análise superficialmente das bases e camadas atuantes na produção do espaço, da área de estudo.

Poderíamos analisar os três povoados separadamente, para um estudo mais detalhado da Serra da Carnaíba enfatizando o objetivo central da pesquisa, porém o elemento principal de transformação, de produção, apropriação e reprodução do espaço entre as localidades, contém um fator igualitário, a esmeralda.

## **5 CONCLUSÃO**

A Serra da Carnaíba possui um valor de uso do espaço, não somente pela riqueza do subsolo, mas também pelas relações estabelecidas através do tempo pelos indivíduos com o ambiente, as mudanças históricas da relação do indivíduo com o espaço ocasionaram produções de espaços novas a cada temporalidade.

Passando pelos agricultores que tinham um sentido de afetividade com a superfície da terra, um certo cuidado e preservação pois as práticas necessitavam deste compromisso. A descoberta da esmeralda e a chegada dos garimpeiros denotou um sentido de exploração desta terra, e com a intervenção das representações do espaço e a apropriação das forças produtivas mediante as práticas da vida cotidiana influenciaram na produção e apropriação ocasionando uma mudança, que desta mudança se produziu um novo espaço.

Com o tempo e as dificuldades anteriormente mencionadas e a intervenção do Estado, para a melhoria das condições de vida desta sociedade a ressignificação do espaço ficou evidente ao passar do tempo a exemplo; do comércio que movimentou a região por sua diversidade de setores; das tentativas e feitos da cooperativa de explorar outros minérios presentes nesta província metalogénica riquíssima e o simbolismo agregado presente neste ambiente a exemplificar a comemoração realizada no dia do garimpeiro que remete a uma identificação social.

O trabalho inserido no ser social tem um carácter de autorrealização individual e coletiva e entra também como um modelo de liberdade, nesse sentido defendo que,



a configuração espacial da Serra da Carnaíba sob a ótica da idealização de riqueza presente e maçante neste espaço, traz uma contradição notória, sobre o trabalho.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. 2.ed, São Paulo- SP, BOITEMPO, 2009.

ASCOMA/SDE. Líder na produção de oito minérios, Bahia tem nova província mineral na região Norte. Disponível em: <http://www.bahia.ba.gov.br/2020/08/noticias/desenvolvimento/lider-producao-de-oito-minerios-bahia-tem-nova-provincia-mineral-na-regiao-norte/>. Data: 28/08/2020. Acesso em: 11/01/2022.

ALVARENGA, Manuela Mendonça de; SANTANA, Simão Bossi. O conceito de produção do espaço no pensamento geográfico. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Teoriaymetodo/Pensamientogeografico/04.pdf>. Acesso em: 11/01/2022.

ANDRADE, L, F, S; MAFRA, F, L, N; ALCÂNTARA, V, C; PAIVA, A, L. Entre o lamento e a resistência: cotidiano e representações de atingidos pela mineração em Paracatu, MG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 4, 2016, Porto Alegre – RS, **Anais CBE0**, Porto Alegre - RS, 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/201>. Acesso em: 16 março 2022.

BEVEDER, M, B. Considerações sobre a Reprodução das Relações Sociais e a Produção do Espaço no Pensamento de Henri Lefebvre. **NIEPMARX**, Rio de Janeiro, v.2,n.3,p. 335 – 356, 2014. Disponível em: <https://niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/65/72>. Acesso em: 15 março 2022.

BRASIL. Decreto-Lei no 227, de 28 de fevereiro de 1967. **Presidência da Republica Casa Civil**, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Poder Executivo, Brasília, DF, 28 fevereiro. 1967.

BRASIL. Lei no 9.314, de 14 de novembro de 1996. **Presidência da República Casa Civil**, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Poder Executivo, Brasília, DF, 14 novembro. 1996.

BRASIL. Lei no 5.764, de 16 de dezembro de 1971. **Presidência da Republica Casa Civil**, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Poder Executivo, Brasília, DF, 16 dezembro. 1971.

BOTELHO, I. Dimensões da cultura e políticas públicas. **SCIELOBRASIL**, São Paulo, Abr 2001, p. 73 - 83, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/cf96yZJdTvZbrz8pbDQnDqk/?lang=pt> . Acesso em:17 janeiro 2022.

BERTRAND, Georges. **Paisagem e geografia física global**, R. RA´E GA, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora UFPR.

CARDOSO. I,C,C, o espaço urbano e a re-produção das relações sociais no pensamento de Henri Lefebvre: contribuições à teoria social crítica. **UFJF**, Rio de Janeiro, p. 1-23,2010. Disponível em : file:///C:/Users/lnnd/Downloads/18125-

Texto%20do%20artigo-75863-3-10-20121107%20(1).pdf. Acesso em :12 fevereiro 2022.

CAVALCANTE, R. F. **Estudo do potencial de utilização do resíduo da extração de esmeraldas na fabricação de cerâmica de revestimento**. 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Mecânica) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN, p.12-23, 2010.

COUTO, P, A, A. **Mapa Gemológico do Estado da Bahia**. Salvador: CPRM, 2000. Texto Explicativo, Escala 1:1.250.000. Disponível em:<https://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/5144?locale-attribute=en>. Acesso em: 20 março 2020.

CARLOS, Ana Fani A; CRUZ, Rita de Cássia. (Orgs.). **A necessidade da Geografia**. São Paulo, Contexto, p. 256, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/lnnd/Downloads/11374-Texto%20do%20artigo-44404-1-10-20210701%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/lnnd/Downloads/11374-Texto%20do%20artigo-44404-1-10-20210701%20(1).pdf). Acesso em: 20 fevereiro 2022.

CHARLES, Benedito; GEMAQUE, Souza. A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia, **CONFINS** [Online], v. 5, p. 1-9, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/5633>; Acesso em:11 março 2022.

COSTA, G, M; CUNHA, A, M; LIMONAD, E; MELO, M, R L; RANDOLPH, R; CANUTO, F; LIMA, I, G; LINHARES, L, R, F; MONTE-MOR,R,L,M. Entre a ordem próxima e a ordem distante: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre. In: ENCONTRO NACIONAL ANPUR, 10,2003, Niterói- RJ, **Medio social; Medio urbano; Terrorismo; Marxismo; Intelectuales; Ciudades; Lafevre, Henri; Sociologia urbana; Relaciones humanas**; UFF,2003, p.1-104.Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Brasil/ppgeo-uff/20121204110856/lefebvre.pdf> . Acesso em :28 março 2022.

GIL, António Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**,2. Ed, São Paulo, Editora Atlas S.A., 1989.

GOMES, D. Norte da Bahia desponta como nova fronteira na mineração. **BRASILMININGSITE**, Belo Horizonte, 28 agosto 2020. Disponível em: <https://brasilminingsite.com.br/norte-da-bahia-desponta-como-nova-fronteira-na-mineracao/>. Acesso em: 30 maio 2021.

GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. **OPARA – Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco**. Petrolina: Gráfica Franciscana, 1997.

INSTITUTO ÁGUA E TERRA. Glossário Geológico. Disponível em: <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Glossario-Geologico>,Acesso em:10 mar. 2022.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. Disponível em: [https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri\\_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf](https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf). Acesso em: 08 dez. 2021.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 2012.

LOURENÇO, Nielson Polucena. A dominação do capital sobre o território da mineração e a precarização das relações de trabalho na região do Seridó da Paraíba. IN: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFOS, 18., 2016, São Luís. **A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia**. Associação dos geógrafos Brasileiros, São Luís, 2016. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/site/anaiscomplementares2?AREA=11>. Acesso em: 30 novembro 2021.

MOREIRA, M. D.; SANTANA, A. J. **O garimpo de Carnaíba**, geologia e perspectivas. Anais XXXII Congresso Brasileiro de Geologia, Salvador, v. 3, p. 862-874, 1982.

MATOS, Manara; MAIA, Meirilane. Influência da atividade mineradora na dinâmica da paisagem: reflexões teóricas, Vitória da Conquista. **Geopauta**, v. 02, n. 03, p.5-23, set/dez 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/llnnd/Downloads/4178-Article%20Text-7975-2-10-20190729.pdf>. Acesso em: 12 dezembro 2021.

NEVES, F.O. O "lugar" da pesquisa qualitativa na geografia elementos para discussão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA QUALITATIVA, V, 2018, Foz do Iguaçu -SC. **Pesquisa Qualitativa na Educação e nas Ciências em Debate**. Foz do Iguaçu: Unioeste, Campus de Mal. Cândido Rondon: [s. n.], 2018. p.1-12. Disponível em: <https://sepeq.org.br/eventos/vsipeq/documentos/08197071713/10>. Acesso em: 30 nov. 2021.

RAMIRES, J.C.L., PESSÔA, V.L.S. Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em geografia. SCIELOBOOKS, Rio de Janeiro, p. 22-35, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0003>. Acesso em : 09 junho 2021.

REVISTA ESMERALDA BAHIA. Bahia: Ed. Cooperativa Mineral da Bahia, edição 2, junho 2021.

SILVA, J.M., MENDES, E.P.M. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. **SCIELOBOOKS**, Rio de Janeiro, p. 207-221, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0013>. Acesso em: 09 junho 2021.

SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a dialética tridimensional. **GEOUSP** – espaço e tempo, São Paulo, N°32, pp. 89- 109, 2012.

SOUZA, C,B,G. A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia. **CONFINS**[Online], v.5, p. 1-9, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/confins.5633>. Acesso em: 15 março 2022

## APÊNDICE 1

### FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: A (re)produção do espaço da mineração na Serra da Carnaíba: Um olhar geográfico para a comunidade da Carnaíba, Pindobaçu-BA.

Estudante Pesquisadora: Elaine Dantas

Orientador: Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que tem como objetivo central entender como se dão os processos de produção e reprodução do espaço geográfico da Serra da Carnaíba, localizada no município de Pindobaçu, em função da atividade de mineração, compreendendo quais as relações intrínsecas geradas pelo ambiente faz com que o solo seja utilizado e organizado daquela forma estrutural proveniente da atividade mineradora, investigando as relações de trabalho, os impactos ao ambiente, o processo de urbanização e a oferta de comércio e serviços relacionados diretamente ao referido recorte temático.

Sua participação é importante, porém, você não deve aceitar participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se desejar, qualquer pergunta para esclarecimento antes de concordar.

**Envolvimento na pesquisa:** A pesquisa será realizada através de entrevista, com a aplicação de um roteiro pré-elaborado com possibilidade de respostas fechadas e abertas. O tempo de duração das respostas pode variar de participante para participante, mas estimo o intervalo de 20 a 40 minutos. Em situação ideal a entrevista será realizada diretamente de forma presencial. Entretanto, em função da pandemia da COVID-19 a entrevista pode ser feita de forma digital com o envio de um formulário de perguntas na modalidade que melhor se adeque ao universo do entrevistado: WhatsApp, Google Meet, E-mail ou outro aplicativo que possibilite o contato. Em caso excepcionais, desde que asseguradas as condições de biossegurança, será possível realizar encontros presenciais para a realização das entrevistas desde que seja consentido por ambas as partes. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos

**Riscos, desconfortos e benefícios:** a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, contudo podem ocorrer desconfortos quanto a exposição de informações pessoais e a indicação de comportamentos ou modo de funcionamento de rotinas laborais. Além do desconforto com as informações pessoais não há riscos maiores em decorrência da sua participação. Os pesquisadores se responsabilizam pela manutenção do sigilo acerca dos nomes e/ou exposição dos entrevistados, comprometendo-se a manter o anonimato dos participantes no texto final do trabalho. Indiretamente, espera-se que a pesquisa possa auxiliar ao melhor entendimento das relações de trabalho e suas implicações ao tipo e estilo de vida dos participantes envolvidos, além de ajudar a entender as relações das pessoas com o seu lugar de trabalho e/ou residência.

**Garantias éticas:** Apesar de não envolver custos possíveis, os pesquisadores declaram apoiar a resolução de quaisquer constrangimentos derivados da realização desta pesquisa. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

**Confidencialidade:** é garantida a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa, mesmo após o término da pesquisa. Somente o(s) pesquisador(es) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados. **Informar como os dados serão guardados para garantir a confidencialidade.**

É garantido ainda que você terá acesso aos resultados com o(s) pesquisador(es). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa com o(s) pesquisador(es) do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Este documento foi elaborado em duas vias de igual teor, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas uma das quais ficará com o(a) senhor(a) e a outra com o(s) pesquisador(es).

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador responsável pela aplicação do TCLE

Quando a pesquisa incluir a participação de pessoas que não saibam ler e escrever – neste caso deverá ter testemunha

**Pesquisador Responsável:**

Nome: Elaine Cardozo Dantas  
Endereço: Quadra 02, nº 9, Cidade Nova 3, Senhor do Bonfim/ BA  
E-mail: lnndantas@gmail.com  
Contato(s) telefônico(s): 74 – 99128-8717

Ao iniciar a participação a nesta atividade de pesquisa, gostaríamos de ressaltar aos entrevistados ele está contribuindo de forma ativa na construção de reflexões fundamentais para compreender o funcionamento da sociedade. Por isso indicamos que o objeto particular do geógrafo é analisar o processo de funcionamento, de organização e diferenciação dos espaços; nesse sentido, “produz o espaço é ao mesmo tempo diferenciar e organizar” (BRUNET, 1986, p. 300).

Este questionário é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso e as informações contidas serão de suma importante para o objetivo final do trabalho. Para a realização do

mesmo será necessário entrevistar trabalhadores de setores diferentes, para esclarecer as etapas de trabalho e produção no garimpo de esmeralda localizado na Cidade de Pindobaçu-BA, distrito de Carnaíba (Carnaíba de Cima).

#### Caracterização Geral:

1. Idade:
2. Sexo:
3. Profissão:
4. Escolaridade:
5. Tem filhos, se sim, quantos:
6. Os filhos estudam / Qual a localidade:
7. Endereço (se mora na serra quando chegou):
8. Casa alugada ou própria:
9. Qual o principal motivo de ter ido morar na serra?

#### Trabalho e Renda:

1. Qual a função que exerce no garimpo:
2. Qual o horário que inicia o trabalho:
3. Está satisfeito na atividade que realiza:
4. Realiza outra atividade além daquela no garimpo:
5. Qual a dificuldade de trabalhar com mineração na região:
6. O que poderia mudar no garimpo para que o trabalho ficasse melhor:
7. Como o seu trabalho é organizado:
8. Para a realização do seu trabalho é preciso que o espaço seja preparado de forma especial, se sim, como se dá:
9. Há brigas ou disputas pelos lugares de trabalho, se sim, explique como acontece:
10. Na realização do seu trabalho, alguma atividade é terceirizada, ou seja, você contrata alguém para ajudar na realização do trabalho:
11. Renda aproximada diária:
12. O trabalho no garimpo rende o ano todo:
13. É beneficiário do bolsa família:
14. Possui familiares na mesma atividade:
15. Quantos trabalham e qual atividade na mesma família:
16. Qual a relação com o proprietário do corte:
17. Se o garimpo parece de produzir hoje o que você faria:

#### Proprietários do corte:

1. Qual foi a atividade inicial quando compro a propriedade:
2. Quanto tempo tem a extração de esmeralda na sua propriedade:
3. Qual a circunferência da propriedade entre o subsolo e a área da superfície:
4. Quantos trabalhadores tem no garimpo (área correspondente a sua propriedade):
5. Se tem controle da quantidade de trabalhadores:
6. Tem algum trabalho formal (carteira assinada):
7. Qual a forma de pagamento:

#### Para Cooperativa:

1. Quantos cooperados possui:
2. Qual função da cooperativa:
3. Principais conflitos registrados pela cooperativa:

4. Como a cooperativa vê o trabalho daqui uma década:

Para moradores antigos (velhos)

1. Há quanto tempo o(a) senhor(a) reside na Carnaíba?
2. Você acompanhou o processo de ocupação das terras nesta localidade?
3. Se sim, como você relataria que se deu o processo de ocupação/ urbanização?
4. Você consegue lembrar de quais foram os primeiros investimentos públicos nesta área, houve alguma organização da localidade por parte do poder público (prefeitura, governo do estado, governo federal)?
5. Você acredita que a ocupação e das intervenções na localidade se deu mais em função das empresas privadas? Consegue dar exemplos?
6. Como foi a chegada dos primeiros garimpeiros na área?
7. Já trabalhou no garimpo?
8. Como ficou sabendo da descoberta da esmeralda?
9. A sua sobrevivência hoje depende da atividade de mineração?